

## CRIANÇAS E MORDIDAS

É bastante comum acontecerem situações de mordidas entre crianças de 1 a 3 anos de idade, pelo seu processo de desenvolvimento que vai do reconhecimento de si, do seu corpo, de suas vontades que vai ao encontro do outro - num movimento de socialização.

Sua primeira forma de contato com o mundo foi pela boca ao ser amamentada, estabelecendo uma relação de prazer e saciedade. Assim, conforme cresce, ela pode procurar conhecer o mundo tentando saborear os objetos e as pessoas - busca contatos através da boca, explorando diferentes texturas e paladares. Mas, quando a criança morde uma pessoa, as reações são diferentes do que quando morde objetos: susto, choro, apreensão, de forma que descobre novas sensações.

As "texturas e sabores" das relações humanas são muito mais múltiplas do que objetos e alimentos com que a criança tem contato. Inicialmente, para conhecer essas variedades, a criança tende a repetir a atitude de morder. E acaba reconhecendo que a intensidade e prontidão das consequências e resultados são muito significativas. Assim, percebe que manifestar inquietudes diante de disputas por brinquedos ou por atenção, ciúmes, inseguranças por meio de mordidas é um caminho rápido, o que torna a favorecer a repetição da atitude.

Até que a criança consiga administrar seus sentimentos e descobrir formas mais eficazes de se expressar e de solucionar seus conflitos, existe um caminho a ser trilhado com o apoio de um ambiente favorável e do acolhimento e intermediação de um adulto.

Em relação ao ambiente, o espaço variável e suficiente para a movimentação (tão marcante nessa idade), a variedade e quantidade de objetos/materiais e brinquedos, o tempo de contato com os mesmo objetos e atividades, e o planejamento e organização de atividades compatíveis com o grupo e a idade das crianças, são fatores importantes para minimizar a frequência das mordidas.

Entretanto, prevenir os conflitos não é solução para que as crianças adquiram habilidades para lidar com eles. Isolar as crianças, por exemplo, é seguir o caminho inverso à superação deste momento de desenvolvimento. É preciso comunicar à criança os limites de seus contatos com os amigos, ajudá-las a reconhecer sua força bem como quais atitudes são mais positivas nesses contatos: carinho, abraço, respeito, conversa etc. Convém ajudá-la a perceber que machucou o amigo, deixando-o triste, chateado, com dor.

Cabe ao adulto acolher quem mordeu e quem recebeu a mordida, bem como suas famílias amenizando os sentimentos negativos da situação possibilitando a construção de relações parceiras. São estratégias favoráveis: identificar o contexto em que as crianças apelam para a mordida a fim de poder antecipar a intervenção para que a criança tenha a oportunidade de se expressar verbalmente, dar mais atenção às crianças a fim de reduzir as incidências, estimular o reconhecimento das consequências, o pedido de desculpa ou a possibilidade de reparo desde que as crianças não se sintam premiadas com isso.

A criança que recebe a mordida, além de ser acolhida, precisa de apoio para melhorar seus reflexos - expressar seu descontentamento e buscar mecanismos de defesa sem o revide, como dizer ao amigo

que não quer que o machuque e retirar-se quando perceber que receberá uma investida corporal. Oferecer modelos de revide seria incoerente, o mesmo que incentivar exatamente o que não queremos - a agressividade, instalando um ambiente tenso de relações.

As situações de mordidas, embora possam acontecer em ambientes familiares, são ainda mais comuns na escola, pois, por estarem entre crianças em momentos de desenvolvimento próximos, possuem demandas - necessidades e interesses semelhantes diante de uma multiplicidade bem maior de relacionamentos e de uma vastas possibilidade de ações. Ainda assim, é fundamental que as famílias conscientizem-se de que certas atitudes podem favorecer as mordidas, como minimizar as oportunidades de que a criança lide com suas frustrações e o uso de brincadeiras e carinhos com a boca.

Outros fatores também podem servir de disparo para essas expressões corporais de irritabilidade como ambientes agitados com grande números de pessoas (como festas) que podem deixá-las ansiosas ou excitadas; mudanças na vida familiar como a chegada de um novo bebê; períodos de estresse no momento de vida familiar como doenças, preocupações etc.; ou ainda, os próprios estilos educativos.

O educador mediador dos conflitos entre as crianças deve, além de oferecer novos modelos às crianças, acolhê-las e ajudá-las a verbalizar suas expressões, não formular juízos e acreditar na potencialidade de todos os envolvidos que tendem a se integrar em relações baseadas no afeto, no respeito por meio do reconhecimento de si e do outro. Sustentar um ambiente com esse clima é fundamental para a criação de um sentido otimista nas relações sociais.

Mariella  
Psicóloga Escolar  
THEMAeducando  
[www.themaeducando.com.br](http://www.themaeducando.com.br)

